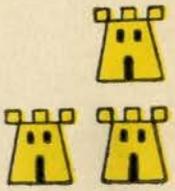


Annibal Soares



Chronica

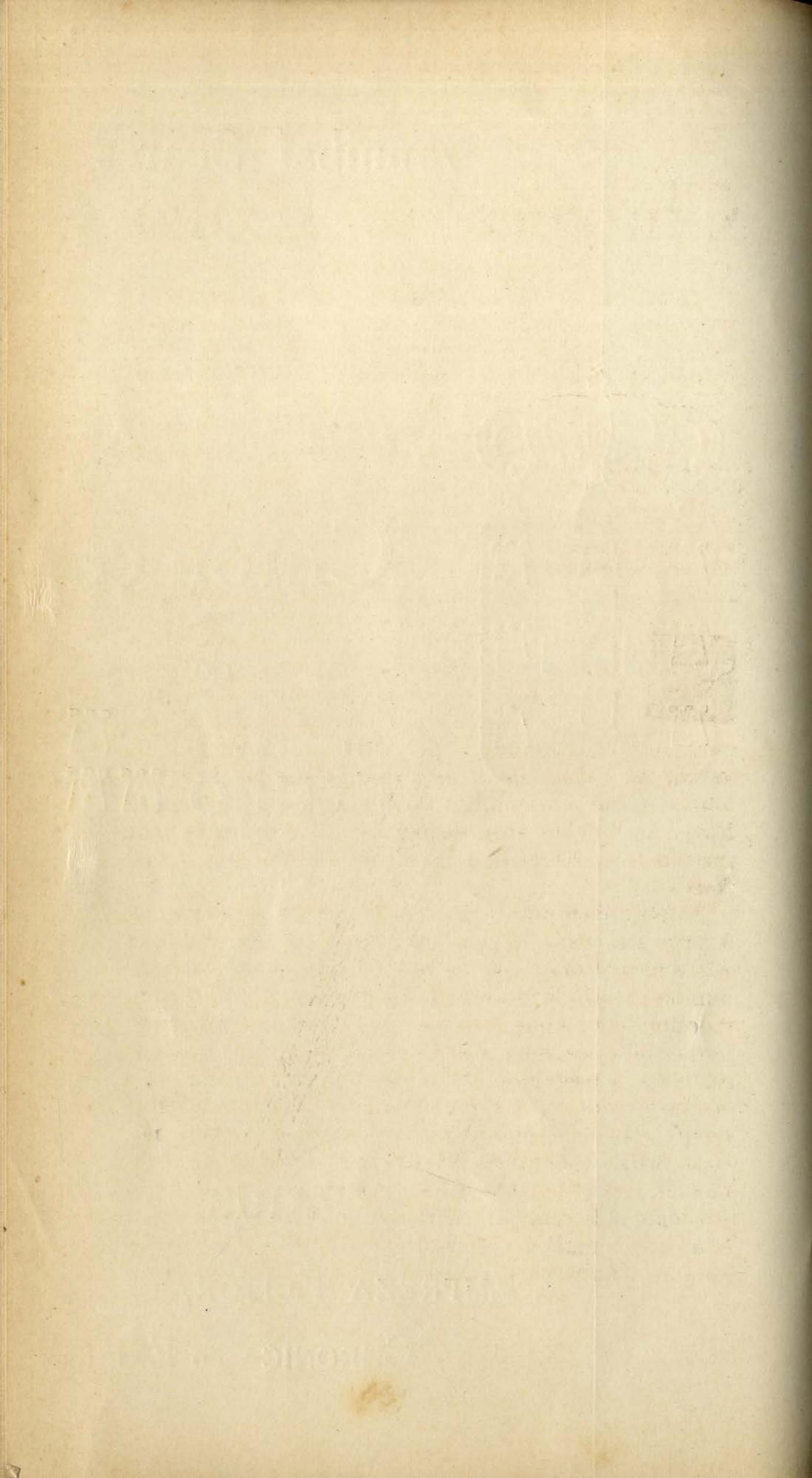
do

Exilio 

PARIS

EMPREZA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"



# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno . . . . .	Fr.	14
	Semest.re . . . . .	—	7.50
	Numero avulso . . . . .	—	0.30

## SUMMARIO :

*Dos paradoxos da Republica : um parallelo.*

*O clero e a Republica.*

*" Fides servata "*

*De como o sr. Affonso Costa escapou a Shakespeare.*

*Velha phobia impotente.*

*A Igreja depois da Republica.*



E Santo Agostinho não chegou afinal, como parece, a proferir o tradicional *credo quia absurdum*, é que não lhe soffreu a paciencia de retardar por alguns seculos a sua passagem no mundo ; pois tivesse o venerando auctor da *Cidade de Deus* apparecido em tempo de vêr em acção a Republica portugueza, e não sómente havia de crêr no absurdo por ser absurdo, mas nem mesmo tornaria mais a acreditar aquillo que o não fôsse.

A Republica mantida exclusivamente — ao menos á primeira vista — pela submissão do exercito, *que não é republicano*, que os republicanos sempre amesquinham e maltrataram, no poder ainda mais do que na opposição, e que com o simples ensaiar d'um gesto poria tudo aquillo a dar ás de Villa Diogo, desde o ministro perseguidor até o carbonario façanhudo — eis um paradoxo. A Republica mais ou menos abertamente repellida, desafiada, hostilisada e contida nas suas furias epilepticas apenas pela corporação cujo mestér é exactamente o menos marcial, cuja função é a mais indefesa, cujo caracter é por natureza e por educação o mais docil e soffredor n'uma sociedade — eis outro apparente paradoxo, dos muitos que Por-

tugal vem offerecendo á consideração dos curiosos desde que a revolução o remexeu.

Se todas as classes sociaes se houvessem collocado deante da Republica e dos seus energumenos com a firmeza, o desassombro, o desinteresse e a calma dignidade que á face d'elles tomou o clero, considerado no seu conjuncto — a obra de tyrannia, de desolação, de lucto e de miserrima ruina que se vem effectuando no paiz á sombra unicamente da timorata e resignada condescendencia collectiva, nunca teria sido possivel.

A Republica, tal como é, não teria durado um instante mais, a terra patria não se teria ensopado em tanto sangue e em tanta lagrima, o sol de Portugal não veria crescer, em cada hora mais enraizada, a planta exotica do odio, o paiz não se encontraria n'este momento devastado e exangue, na alternativa fatal da revolução ou da morte, se o official no seu quartel, rodeado de espingardas e canhões, temido, senhor da força, arbitro dos successos, se inspirasse *por vinte e quatro horas* nos mesmos sentimentos d'independencia, d'abnegação, de coragem civica e moral, d'indifferença ao perigo, de respeito proprio e do decoro profissional, que durante *mezes sem conto* teem animado e sustido o humilde cura d'almas no seu presbyterio remoto, ora assoberbado d'ameaças ora cumulado de seduccões, hoje assediado pela fome, tenteado amanhã pelo suborno, depois aggreddido, enxovalhado, vexado, escarnecido e em todos os momentos abandonado inerme á sanha estúpida e má das cáfilas de malandrins que revestidos ou não d'auctoridade official infestam as nossas villas e aldeias — e em todo o caso resistindo sempre, preferindo a miseria á degradação, preferindo o carcere e o exilio ao protrahimento d'um dever que é sagrado perante os altares de Deus, como o dever do militar o é perante o altar da Patria !

O que quer a Republica do padre? Que elle a sirva? Que elle lhe pague um tributo? Ao contrario : sómente que elle lhe accete uma pensão. E porque esta pensão é offerecida em condições deprimentes, e porque a sua

acceitação importa o reconhecimento d'uma lei affrontosa para a religião catholica e para o seu sacerdote — o padre recusa.

Do militar, o que lhe exige a Republica em troca do exiguo soldo? Que elle a sustente, que elle a defenda com o seu corpo e com o seu sangue, que elle organise a *caça ao homem* pelos montes e valles das regiões onde os raros que não emigraram conservam ainda um pouco d'energia e de pureza para quererem sobrenadar n'esta geral subversão do valor e do character; que elle proteja e ampare os seus bandos de caceteiros e d'assassinos; que elle guarde de bayoneta armada e de morrão acceso a sala do festim onde uma multidão d'ineptos e de grotescos, simples vadios de hontem, está saciando a sua fome canina sobre as derradeiras migalhas arrancadas á miseria d'um povo, sobre as rapaduras ultimas d'um thesouro condemnado a fallencia fraudulenta; que elle, em simulacros de julgamento sobre cujos auctores e cúmplices ha-de recair — depois da justiça dos homens — a sentença tremenda da Historia, interne a trouxe-mouxe, sem provas nem indicios, nas cellas penitenciarias e nos lobregos presidios, pobre gente inconsciente, de todo em todo alheia ás accusações que lhe imputam, e honrados e generosos portuguezes, que podem ter querido tentar n'um esforço supremo a libertação e salvação do seu paiz; que elle emfim, seja não só uma testemunha passiva e indifferente mas um activo e indispensavel collaborador na tarefa sinistra do aniquillamento d'um povo, que é a obra verificada da Republica. E o militar, *que não é republicano*, o militar cuja missão é defender e proteger a Patria, o militar cuja função ha-de desaparecer com a nacionalidade, ao passo que a do ecclesiastico sobreviverá enquanto perdurar a Igreja — o militar aceita e submete-se e vae andando, abrindo aliás com a sua espada o caminho... de quê? o caminho da indigencia!

Eis a Cruz arvorada em signal de valor civico, enquanto a Espada se transforma em symbolo de mansidão !...

E é acaso porque a dignidade do clero se encontre mais aggravada pela Republica do que o brio militar? Porventura as *associações cultuaes*, fiscalizando o culto, vexam mais o sacerdote do que as *commissões carbonarias* humilham o official, vigiando-o e superintendendo no quartel? Acaso a disciplina da Igreja, defendida por uma organização extranha ao Estado, se encontra tão eficazmente atacada e tão profundamente subvertida pela acção directa, voluntaria e consciante dos poderes publicos? Acaso vale o mesmo que a expulsão d'um parochio da sua freguezia esteja dependente da má-vontade de meia duzia de *livrespensadores* da povoação, ou que a situação d'um coronel á frente do seu regimento, que a acção d'um official no seu quartel, a sua propria permanencia nas fileiras, se encontrem á mercê do consentimento dos « patriotas » do bairro, ou até mesmo da benevolencia dos soldados carbonarios que elle nominalmente commanda?...

Porque é então que este se amolda e aquelle resiste?

Esta radical differença na maneira como sentem e observam o dever individuos pertencentes á mesma sociedade, filhos da mesma raça, educados no mesmo meio, é portanto susceptivel de vir a desorientar mais tarde o estudioso, conforme impressiona e desconsola os contemporaneos. Mas o que não surprehenderá nenhum vindoiro leitor da historia da Republica, é que esta (mesmo admittindo que a Republica fôsse d'algun modo viavel em Portugal) se tenha condemnado a mil mortes desde que, exorbitando do campo propriamente politico, se constituiu em adversaria do culto catholico e de todo o sentimento religioso, offerecendo ao bom-humor do Destino este dilemma picaresco — *ou o catholicismo ou a Republica* — e ligando a sua sorte aos resultados, que não podem ser duvidosos, d'esta batalha desigual.

É por isso que a attitude dos padres que se recusam a pactuar com a Republica, a receber-lhe o subsidio e a reconhecer-lhe a lei ignobil da separação, ainda que não fôsse mais alevantada e mais nobre do que a

da pequena minoria dos seus collegas que se deixaram seduzir pelo magro engodo da pensão immediata, seria pelo menos mais intelligente e mais previdente.

Para que estes ultimos ganhassem o seu indecoroso jogo, far-se-ia mistér que no conflicto aberto entre o snr. Affonso Costa e o catholicismo vencesse o snr. Affonso Costa... Pelo contrario, os outros estão seguros de ser *os ultimos a rir*, desde que na desproporcional contenda de que se trata acabem por triumphar o sentimento e a organização religiosa. Ora o sentimento religioso e a Igreja triumpham sempre nos prelios d'esta natureza. Veem triumphando constante e inalteravelmente ha perto de vinte seculos, desde a Roma de Nero até á França de hoje, e nunca tiveram adversarios tão insignificantes como os que n'este momento se lhe ant'olham a um canto da peninsula iberica... Aceite este principio, que a eloquente lição da Historia de todos os tempos, não permite refutar, evidente se torna que os sacerdotes indignos que envergam a libré de serventuarios da Republica, enfiam com ella uma *camisa de onze varas* de que nunca mais se desembaraçarão.



Comquanto a negação de Deus — pelos menos como expressão da ideia rudimentar d'uma Força maravilhosa e adoravel, creadora, ordenadora e dirigente do universo — se me afigure um absurdo logico e sentimental, é incontestavel que o mundo tem conhecido alguns grandes homens reluctantes, quando mais não seja em apparencia, á fé divina. Aliás, quasi todos elles acabam por converter-se, no ultimo quartel da vida senão no leito d'agonia, e não são raros os que então, se lhes chega o tempo para tanto, se lançam no mysticismo. « A fé — escreve Le Bon — muda d'objecto mas não morre nunca. Nem poderia morrer porque a necessidade de crêr constitue um elemento psychologico tão irreductivel como o prazer ou a dôr. A alma humana tem horror á duvida e á incerteza. Por

vezes o homem atravessa phases de scepticismo, mas nunca se demora n'ellas. »

Porém e de todo o modo, só os individuos de espirito estreito, de mentalidade inferior ou viciosa, os aberrativos, os degenerados, os mattoides, os *détraqués*, os amoraes — essa massa azeda que, de resto, constitue sempre a base dos partidos revolucionarios — é que se entregam a esta occupação simultaneamente estúpida e irrisoria, que seria inutil se não fôsse nociva, de perseguir com raiva e pretender violentamente asphyxiar nos outros o sentimento religioso, commum a todas as pessoas normaes ; — tão commum, que Burke não duvidava mesmo definir o homem como *um animal religioso*. E seja que não seja, e embora no mundo não existisse mais do que um só ente possuidor do bem inestimavel de crêr n'uma justiça incontestante e sobrehumana, n'uma vida eterna de reparação e de bem-aventurança — comprehende-se que apenas os perversos ou os maniacos poderiam tomar a peito arrancar a esse homem unico, e mais ditoso do que todos, um tão bemdito privilegio da sua illusão !...

A sciencia ainda nos não deu, e parece ser impotente para nos dar, a Verdade primeira. Mas que o não fôsse — tambem não são as verdades scientificas que regem a alma e que ditam a moral dos homens, são os sentimentos ; ora os sentimentos são de natureza subjectiva, e por isso as verdades subjectivas hão de sempre influir mais profundamente na conducta do homem e na physionomia das sociedades do que as verdades reaes.

Que importava que Deus, expressão do sentimento religioso, não existisse na realidade? Basta que exista nas almas para ser uma verdade, e uma verdade mais poderosa do que todas as realidades tangiveis.

Fôsse a crença muito embora uma illusão, que maior attentado contra o bem da Humanidade, do que aquelle que buscasse dissipal-a — se as illusões são o nosso mais doce patrimonio, e, por assim dizer, a fonte unica da esperanza, dos grandes pensamentos

e das grandes acções? « Da infancia á morte — escreve um psychologo contemporaneo — a illusão envolve-nos. Não vivemos senão por ella, e não é senão a ella que buscamos... A vida é cheia d'illusões necessarias. » E já no seculo XVI Bacon observava : « Alguem põe em duvida, que se expulsassem do espirito do homem as vãs opiniões, agradaveis esperanças, falsas estimações, a imaginação das coisas segundo o que a cada um apraz, e assim por diante, o espirito d'um grande numero de pessoas ficaria como pobre coisa succumbida, cheio de melancolia e de desgosto, e fastidioso a si proprio?... »

Se Deus fôsse uma criação de homem, que portentosa criação ! Ella attingiria como ideal ethico a perfeição mesma, excederia em belleza e em engenho todas as concepções da arte e todos os inventos da sciencia : e tentar aniquillal-a seria querer pulverisar a mais estu-penda obra do genio humano !

E' por isso, pois, que o *Livre-Pensamento*, considerado na sua verdadeira funcção d'elemento de lucta activa e violenta contra a fé religiosa, não tem na sua genealogia um unico antepassado illustre ; as *sessões solemnes* das suas tribunecas — animadas, aliás, por um mysticismo d'outra especie — limitam-se a celebrar publicistas mais ou menos especulativos, philosophos que raciocinavam ao longo dos tratados sobre a sua descrença ou sobre os erros da Igreja, alguns mesmo deistas como Voltaire ; sabios como Galileu, tendo tido com a Igreja differendas absolutamente alheias á questão fundamental da fé ; e então uma turba-multa de mediocres ou de alienados, que são os que teem vindo para a brecha, sobretudo nas epocas revolucionarias, com o fim de esmagar á *má cara* o sentimento religioso... que invariavelmente são d'esses combates mais fortalecido.

Mas por isso tambem é que é justo e natural que pretendam aniquillal-o as creaturas da estofa d'aquella que no nosso paiz incarna e dirige o movimento anti-religioso.

Esse homem, na sua terrivel pequenez, deveria

ter sido inventado por Shakespeare. Era elle, o buffão-tragico, quem merecia ter dado vida — a vida ficticia do theatro — á figura monstruosa d'um prescito moral, vagueando á margem da humanidade commum, refocilado em todas as abjecções, despojado pela caprichosa natureza de todas as noções e sentimentos d'ordem ethica, d'ordem social, d'ordem esthetica, politica, juridica, que distinguem o ser racional e animam, vitalisam e fazem a harmonia das suas collectividades ; portanto odiando tudo isso, como a toupeira odeia a luz que não gosa, como o sapo odeia o astro, como o corcunda odeia o homem valido. Depois, por uma d'aquellas extravagancias em que era prodigo o genio imprevisto do bizarro dramaturgo, que encontrava para a tragedia a fatalidade grotesca, elle poria este aleijão, roido de rancores, á frente d'uma sociedade constituida e calma ; e o espectador vel-o-ia, tomado d'uma alegria feroz e dolorosa como a dos sadicos, absorvido então na tremenda tarefa d'abalar, destruir, arrasar, precipitadamente, raivosamente, como quem arde nos fogos d'uma vingança iniqua, tudo quanto fez a sua inveja e o seu desespero, tudo quanto constitue o fundamento do que existe, tudo quanto no aggregado humano representa a floração magnifica d'aquelle senso moral ou d'aquellas ideias justas que a sua idiosyncrasia não comporta — a religião, a familia, o pudor, a castidade, o prestigio dos mais velhos ou dos mais cultos, o amor das tradições patrias, a distincção entre o *meu* e o *teu* ; — e da sua garganta sairia um som inarticulado e rouco, o grito surdo da animalidade inferior, viscosa e peçonhenta, contra tudo o que contém um pouco de belleza, um pouco de grandeza, um pouco de virtude, um pouco d'ideal...

A personagem que não occorreu ao genio de Shakespeare, incubou-a e deu-lhe um palco a Republica portugueza.



Como quer que seja, na verdade não é o sentimento religioso nem a Igreja catholica quem ha-de sair

derrotado n'este minuscuro assalto, commandado por desfolegados generaes. O catholicismo [tem escapado a arremessos d'outra importancia, sem falar já nas perseguições romanas, que fôram a causa immediata da sua expansão, nem nas invasões dos barbaros, que elle converteu e lhe déram ensejo ao merito — tão celebrado, entre outros, pelo positivista Littré — de salvar e conservar atravez da idade-media a obra da civilisação, nem nas dissidencias que fôram em certo tempo (quando fôram alguma coisa) o seu melhor tonificante.

O que n'este capitulo da revolução, como em varios, se tem passado em Portugal, não é mais do que uma parodia, em reles, d'aquillo que se fez na revolução franceza e n'outras. Imagina-se estar vendo representar n'um barriacão de feira uma peça celebre — e já universalmente pateada.

A revolução de 89 teve por tal maneira a preocupação dominante de abolir o christianismo, que já um grande historiador quiz vêr, na conflagração europeia a que ella deu logar, uma simples *guerra religiosa* (\*). Este conceito é evidentemente exagerado, mas tem um fundo de verdade; em algumas partes, e nomeadamente em Portugal, não foi a Maçonaria que aplanou o caminho aos exercitos de Napoleão e os festejou, sob pretexto de que o invasor nos vinha metter no corpo, á bayonetada, os principios da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade?

Um convencional, antecessor do snr. Affonso Costa na clarividencia e no senso politico, declarou um bello dia: « Nós somos uma Convenção; temos o poder de mudar a religião. » E sobre esta sentença deitaram mãos á obra. Propunham-se a principio (como o snr. Hygino de Mendonça nas « Novidades ») « regressar aos tempos apostolicos em que o povo elegia os seus pastores »; confessavam-se animados « do verdadeiro espirito do Evangelho ». D'ahi veio a constituição civil do clero, depois a exigencia do

---

(\*) SCHLEGEL. *Philosophia da Historia*.

juramento — que era, sob o ponto de vista da disciplina ecclesiastica, a armadilha a que corresponde agora a *questão das pensões*. « Espera-se que a grande maioria do clero obedecerá » — escrevia um revolucionario a Mercy. A grande maioria porém desobedeceu ; e d'aquelles ainda que juraram, a quasi totalidade retratou-se, logo que Pio VI condemnou solemnemente a constituição civil.

Depois imaginou-se o *culto da Razão* ; aboliu-se o domingo, supprimiram-se os santos. Apearam-se os sinos, « breloques do Padre Eterno » ; nos theatros, em peças *ad hoc*, ridicularisava-se o rito catholico, parodiavam-se missas cantadas. Delegados da Convenção iam ás provincias instituir o culto civico e fazer saber ao povo que os padres não passavam de « arlequins e palhaços vestidos de negro, que mostravam *marionettes*. » Queimavam-se as imagens, roubavam-se as pratas das igrejas. Os padres são despojados do seu *munus*, expulsos dos presbyterios ; Fouché — que, como os nossos jovens anarchistas intellectuaes, havia de acabar em policia — publicava em Nevers um edital, declarando « a morte um somno eterno » e nada mais ; em Lyon, dava-se agua aos animaes pelos vasos sagrados ; e entretanto a Curia hesitava, receando provocar com decisões extremas uma maior catastrophe. Pio VI, escreve um auctor, « gemia sem fulminar ». (\*)

E depois? Depois, ao cabo de tudo e como sua fatal consequencia, uma renascença catholica prodigiosa. « Uma especie d'embriaguez religiosa ganha as altas classes, outr'ora tão impias, como os camponezes, hontem na apparencia indifferentes. » Debalde se pretende obviar-lhe com a *religião theophilanthropica*, com o *culto decadario* e outras irrisorias invencionices : é a fé catholica que explode. Quando os padres veem retomar conta dos seus altares, o regosijo publico torna-se em delirio. E' quando o protestante Mallet declara : « As perseguições resuscitaram a religião ».

---

(\*) L. MADELIN. *La Révolution*.

O ministro da Prussia observa que « nunca a sêde de religião se fez sentir com tamanho ardor » ; as eleições do anno V, feitas nas aldeias sobre esta questão — *se os sinos cantariam* — decidiram que sim. E cantaram, alegre e ruidosamente.

No mesmo paiz, por occasião da revolução de 1830, decidiu-se mais uma vez *acabar com o catholicismo*. Os templos fôrão profanados, as casas religiosas assaltadas e saqueadas, derrubaram-se as cruzes pela provincia, os padres eram injuriados, aggedidos e expulsos das igrejas, das quaes raras se ousava abrir ao culto. « A velha religião está radicalmente morta », escreve Henri Heine ; e Luiz Veillot disse mais tarde, referindo-se a esta época : « Eu acreditava então de boa mente que o christianismo estava morto. »

E que succedeu? Succedeu... o que o snr. Thureau-Dangin refere nas seguintes palavras : « O catholicismo, pouco antes proscripto ou, o que é peor, esquecido, reaparece de repente com um brilho incomparavel e até com uma popularidade como havia seculos não tinha conhecido igual » ; emquanto Tocqueville, pela sua parte, nos fala do « movimento geral de reacção, que arrastava os espiritos para as ideias religiosas. »

Tambem os revolucionarios hespanhóes, na sua ephemera e agitada Republica, não esqueceram o dever imperioso de banirem, elles por seu turno, a crença catholica da terra. Tambem elles invadiram e conspurcaram as igrejas, perseguiram os padres, destruíram os symbolos religiosos, romperam com Roma, tentaram fundar igrejas scismaticas e afervorar uma corrente de matrimonios de ecclesiasticos. Mas a questão religiosa, desde que se embrulharam n'ella, foi o que cavou mais fundo as dissidencias entre os proprios republicanos ; foi a razão determinante do ultimo e dissolvente discurso de Salmeron no Congresso. A Republica aluiu, e o sentimento catholico e a Igreja podéram repetir á beira da sepultura d'esse regimen fugaz, como de todos os regimens que teem

feito do anticatholicismo a base da sua existencia :  
*Les morts que vous avez tués se portent à merveille !...*



Eis algumas das elementares considerações historicas e psychologicas proprias para encher d'uma risonha bonhomia os ouvintes da famosa promessa que o snr. Affonso Costa, atochado d'ignorancia e de inepecia até os gorgomilos, formulou aos seus amigos, de *fazer extinguir o catholicismo em tres gerações*.

O snr. Affonso Costa, como todos os outros minusculos e impotentes politicastros que o acompanham na mania degenerativa de *dar cabo do catholicismo*, ha de assistir ainda, na sua vida, ao inevitavel rejuvenescimento da fé catholica em Portugal ; mas esse não será o unico beneficio dimanante das provações d'agora : ellas terão servido, como sempre, para depurar e robustecer os caracteres, para reformar e sanear o pessoal da Igreja ; com o que o Estado só lucrará, porque não póde ser-lhe indifferente a boa hygiene d'uma organisação moral tão vasta e tão poderosa.

A Igreja terá conhecido o valor e a constancia dos seus filhos, saberá a quaes deve cautelosamente afastar, e onde ha de ir escolher os seus bispos e as suas dignidades. Será entre os que tivérem sabido manter na adversidade a coragem e a fé ; os que puderem dizer como *Chantecler* :

Ma chanson s'éleva dans l'ombre et la première.  
C'est la nuit qu'il est beau de croire à la lumière!

O que o nosso povo exprime mais chã mas não menos pittorescamente, quando observa que « é de dentro dos ouriços que se apanham as castanhas... »

• ANNIBAL SOARES.

